

## Arte e turismo: a fotografia como instrumento de trabalho do turismólogo contemporâneo

*Aldemir Pereira dos Santos Junior*<sup>1</sup>

*Aldenya Christina Fonseca dos Santos*<sup>2</sup>

### Resumo

*A fotografia e o turismo são duas vertentes intrinsecamente ligadas em seus respectivos campos de atuação, mas ainda precariamente manipuladas pelos profissionais do ramo. O objetivo deste artigo direciona-se para uma aproximação funcional da arte fotográfica com a objetividade científica no intuito de corroborar a utilização da fotografia como uma ferramenta de trabalho para o gestor de turismo. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa com os profissionais de turismo em busca de encontrar instrumentalidade para a fotografia no turismo, materializada a pesquisa com procedimentos quali-quantitativos divididos em quatro etapas: pesquisa bibliográfica, entrevistas, método Delphi e comparações. Pelo fato de possuir abordagens teóricas de caráter multidisciplinar, desde a preocupação com o significado até os aspectos físicos e tecnológicos, a fotografia torna-se um instrumento comprobatório e de análise de uma gama de segmentos técnicos, científicos e informacionais. No turismo, foram encontradas diversas formas de utilização, como segmentação de mercado; elemento educacional; manifestação artística; mecanismos de marketing; pesquisa de campo; preservação da memória; ferramenta de planejamento; e monitoramento de atividades e processos que podem ser trabalhados pelos profissionais da área.*

**Palavras-chave:** arte, turismo, fotografia e objetividade científica

### Abstract

*The picture and the tourism are intimately two slopes linked in your respective fields of performance, but that are still deficient manipulated by the professionals of the branch. The objective of this article is addressed for a functional approach of the photographic art with the scientific objectivity in the intention of corroborating the use of the picture as a work tool for the manager of tourism. This way, a research was accomplished with the professionals of tourism in the search of finding functionality for the picture in the tourism, materialized the research with procedures quali-quantitative being divided in four stages: he/she/you researches bibliographical, interviews, method Delphi and comparisons. For the fact of possessing theoretical approaches of varied character, from the concern with the meaning, even with the physical and technological aspects the picture becomes a supporting instrument and of analysis of a range of segments technical, scientific and informative. In the tourism they are several the use forms as market segmentation; educational element; artistic manifestation; marketing mechanisms; field research; preservation of the memory; planning tool; and fiscalization of the activities and processes.*

**Keywords:** art, tourism, photographic and scientific objectivity

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Ambientais - Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [eco\\_turismo25@yahoo.com.br](mailto:eco_turismo25@yahoo.com.br).  
Endereço: Rua Henrique Martins, 579, casa 04 – Centro - Manaus – Amazonas. CEP: 69010-010.

<sup>2</sup> Pós-graduada em gestão dos Recursos Naturais e Meio Ambiente pelo Centro Universitário do Norte.  
E-mail: [nyra\\_danca@yahoo.com.br](mailto:nyra_danca@yahoo.com.br). Endereço: Rua Henrique Martins, 579, casa 04 – Centro - Manaus – Amazonas. CEP: 69010-010.

## 1. Introdução

Desde a sua invenção, a fotografia tem sido utilizada como um eficiente meio de expressão artística e, contemporaneamente, como instrumento de planejamento e gestão por uma gama de profissionais heterogêneos (geógrafos, antropólogos, arquitetos, botânicos, etc.), dispostos a melhorar a performance de suas atividades científicas e profissionais. Assim, enquanto a fotografia torna-se uma ferramenta de trabalho, a imagem recortada no espaço/tempo transforma-se num objeto de estudo, como uma representação iconográfica de uma realidade percebida (BARTHES, 1990), porque, ao definir-se como linguagem de criatividade visual, esse recurso e seus tratamentos de imagens são também “maneiras de conhecer-se o passado, questionar-se o presente e vislumbrar-se o futuro por meio de projeções geométricas e computacionais do real” (HEDGE COE, 1991, p. 64).

Por isso, como elemento visual, pode-se concebê-la como uma forma gráfica de impressões e expressões artísticas, científicas e tecnológicas, de cuja interação resultam registros visuais de significados notáveis, dotados de múltiplas formas de relações interpretativas (LIMA, 1988), que devem servir de interesse para as mais diversas áreas do conhecimento, inclusive para a atividade turística, graças a uma gama de possibilidades que esse mecanismo pode oferecer para o profissional múltiplo que exige esse segmento.

O objetivo deste artigo direciona-se, pois, para uma aproximação científica da arte fotográfica e, subsequentemente, para uma exposição sumária de como a fotografia poderá servir de ferramenta para o gestor de turismo, campo que necessita de um acervo material para controle, auxílio de análises e registros de monitoramentos contínuos, fulcrais para a elaboração de um planejamento instrumentalizado em imagens geoprocessadas e com representações visuais de um assunto capturado.

Dessa forma, será capitulado, neste artigo, um recorte conceitual da arte fotográfica como elemento multidisciplinar para, posteriormente, realizar-se uma aproximação teórica entre a fotografia e a objetividade científica a fim de se mostrar, em seguida, algumas funções da fotografia que poderão servir de base científica para a tomada de decisão do turismólogo e otimizar suas atividades de trabalho, como suporte para uma segmentação de mercado turístico fotográfico; elemento educacional; manifestação artística; mecanismos de *marketing*; material de pesquisa de campo; preservação da memória; ferramenta de planejamento; e monitoramento das atividades técnicas realizadas.

---

## 2. Breve histórico da fotografia

A história da fotografia, consoante a Wikipédia (2007), pode ser contada com base nas experiências executadas por químicos e alquimistas desde a mais remota antiguidade. Já em torno de 350 a.C., aproximadamente na época em que viveu Aristóteles na Grécia Antiga, já se conhecia o fenômeno da produção de imagens pela passagem da luz através de um pequeno orifício. Alhazen, em torno do século X, descreveu um método de observação dos eclipses solares por meio da utilização de uma câmara escura. A câmara escura, na época, consistia em um quarto com um pequeno orifício aberto para o exterior.

Em 1525, já se conhecia o escurecimento dos sais de prata; no ano de 1604, o físico-químico italiano Ângelo Sala estudou o escurecimento de alguns compostos de prata pela exposição à luz do sol. Em 1725, Johann Henrich Schulze, professor de Medicina na Universidade de Aldorf, na Alemanha, conseguiu uma projeção e uma imagem com uma

duração de tempo maior, porém não conseguiu detectar o porquê do aumento do tempo. Continuando suas experiências, Schulze pôs, à exposição da luz do sol, um frasco contendo nitrato de prata; examinando-o algum tempo depois, percebeu que a parte da solução atingida pela luz solar tornou-se de coloração violeta escura. Notou, também, que o restante da mistura continuava com a cor esbranquiçada original. Sacudindo a garrafa, observou o desaparecimento da cor violeta. Continuando, colocou papel carbono no frasco e o expôs ao sol; depois de certo tempo, ao remover os carbonos, observou, delineados pelos sedimentos escurecidos, padrões esbranquiçados que eram as silhuetas em negativo das tiras opacas do papel. Schulze estava em dúvida se a alteração era por causa da luz do sol ou do calor. Para confirmar se era pelo calor, refez a mesma experiência dentro de um forno, percebendo que não houve alteração. Concluiu, então, que era a presença da luz que provocava a mudança. Continuando suas experiências, acabou por constatar que a luz de seu quarto era suficientemente forte para escurecer as silhuetas no mesmo tom dos sedimentos que as delineavam. O químico suíço Carl Wilhelm Scheele, em 1777, também comprovou o enegrecimento dos sais em virtude da ação da luz.

Thomas Wedgwood realizou, no início do século XIX, experimentos semelhantes. Expôs à luz do sol algumas folhas de árvores e asas de insetos sobre papel e couro branco sensibilizados com prata, conseguiu silhuetas em negativo; tentou, de diversas maneiras, torná-las permanentes; porém não tinha como interromper o processo, e a luz continuou a enegrecer as imagens.

Schulze, Scheele e Wedgwood descobriram o processo pelo qual os átomos de prata possuem a propriedade de possibilitar a formação de compostos e cristais que reagem de forma delicada e controlável à energia das ondas de luz; e o francês Joseph-Nicéphore Niépce inventou o fisionotrago e a litografia. Em 1817, ele obteve imagens com cloreto de prata sobre papel. Em 1822, conseguiu fixar uma imagem pouco contrastada sobre uma placa metálica, utilizando, nas partes claras, betume da judéia, que fica insolúvel sob a ação da luz, e as sombras na base metálica. A primeira fotografia conseguida no mundo foi tirada no verão de 1826, da janela da casa de Niépce e encontra-se preservada até hoje. Essa descoberta se deu quando o francês pesquisava um método automático para copiar desenho e traço nas pedras de litografia. Ele sabia que alguns tipos de asfalto, entre eles o betume da judéia, endurecem quando expostos à luz. Para realizar seu experimento, dissolveu, em óleo de lavanda, o asfalto, cobrindo com essa mistura uma placa de peltre (liga de antimônio, estanho, cobre e chumbo). Colocou em cima da superfície preparada uma ilustração a traço, banhada em óleo, com a finalidade de ficar translúcida. Expôs ao sol, que endureceu o asfalto em todas as áreas transparentes do desenho, permitindo que a luz atingisse a chapa; porém, nas partes protegidas, o revestimento continuou solúvel. Niépce lavou a chapa com óleo de lavanda removendo o betume. Depois, imergiu a chapa em ácido, o qual penetrou nas áreas em que o betume foi removido e as corroeu, formando dessa forma uma imagem que poderia ser usada para reprodução de outras cópias.

Niépce e Louis-Jacques Mandé Daguerre iniciaram suas pesquisas em 1829. Dez anos depois, foi lançado o processo chamado daguerreótipo que consistia numa placa de cobre polida e prateada, exposta em vapores de iodo, e que, dessa maneira, formava uma camada de iodeto de prata sobre si. Quando, numa câmara escura e exposta à luz, a placa era revelada em vapor de mercúrio aquecido, este aderiu onde havia a incidência da luz, mostrando as imagens que eram fixadas por uma solução de tiosulfato de sódio. O daguerreótipo não permitia cópias; apesar disso, o sistema de Daguerre difundiu-se. Inicialmente muito longos, os tempos de exposição encurtaram graças às pesquisas de

Friedrich Voigtländer e John F. Goddard que, em 1840, criaram lentes com abertura maior que ressensibilizavam a placa com bromo.

William Henry Fox Talbot lançou, em 1841, o calótipo, processo mais eficiente de fixar imagens. O papel, impregnado de iodeto de prata, era exposto à luz numa câmara escura; a imagem era revelada com ácido gálico e fixada com tiosulfato de sódio, resultando num negativo que era impregnado de óleo até tornar-se transparente. O positivo fazia-se por contato com papel sensibilizado, processo utilizado até os dias de hoje.

O calótipo foi a primeira fase na linha de desenvolvimento da fotografia moderna, e o daguerreótipo conduziria à fotogravura, processo utilizado para a reprodução de fotografias em revistas e jornais.

Frederick Scott Archer inventou, em 1851, a emulsão de colódio úmida. Era uma solução de piroxilina em éter e álcool, em que se adicionava um iodeto solúvel, com certa quantidade de brometo, e cobria-se uma placa de vidro com o preparado. Na câmara escura, o colódio iodizado, imerso em banho de prata, formava o iodeto de prata com excesso de nitrato. Ainda úmida, a placa era exposta à luz na câmara, revelada por imersão em pirogalol com ácido acético e fixada com tiosulfato de sódio. Em 1864, o processo foi aperfeiçoado e passou-se a produzir uma emulsão seca de brometo de prata em colódio. Em 1871, Richard Leach Maddox fabricou as primeiras placas secas com gelatina em lugar de colódio. Em 1874, as emulsões passaram a ser lavadas em água corrente para eliminar sais residuais e preservar as placas.

---

### 3. A fotografia

A fotografia inicialmente configura-se em uma arte de perceber e representar as imagens e, posteriormente, torna-se uma técnica de gravação por meios químicos, mecânicos ou digitais de uma imagem numa camada de material sensível à exposição luminosa. Nessa perspectiva, inclui abordagens teóricas de caráter multidisciplinar, desde a preocupação com o significado até a preocupação com os aspectos físicos de imagens analógicas, obtidos por meio de processos fotoquímicos conjugados com sofisticados conteúdos visuais, criados e processados em ambientes virtuais pelo uso de imagens digitalizadas.

O vocábulo “fotografia” deriva das palavras gregas φως [*fós*] (“luz”), e γραφίς [*grafis*] (“estilo”, “pincel”) ou γραφή [*grafê*], significando “desenhar com luz” ou “representação por meio de linhas”, “desenhar” (HEDGE COE, 2005). A fotografia pode ser classificada como tecnologia de confecção de imagens e atrai o interesse de cientistas e artistas desde o seu começo. Os cientistas usaram sua capacidade para fazer gravações precisas, como Eadweard Muybridge em seu estudo da locomção humana e animal, em 1887. Artistas igualmente se interessaram por esse aspecto e também tentaram explorar outros caminhos além da representação fotomecânica da realidade, como o movimento pictural. As forças armadas, a polícia e as forças de segurança usam a fotografia para vigilância, identificação e armazenamento de dados (SONTAG, 1981).

A fotografia, linguagem não-verbal, também contribui decisivamente para a realização de pesquisas teóricas, manifestações artístico-culturais e como coadjuvante eficaz em inúmeras descobertas científico-tecnológicas, como indica Spencer:

*A contribuição da fotografia na ciência, é a seqüência qualificada de informação que não pode ser obtida de nenhuma outra forma [...] A fotografia nos dota de uma espécie de olho sintético — uma retina imparcial e infalível — capaz de converter em registros visíveis, fenômenos cuja existência, de outra forma, não haveríamos conhecido nem suspeitado (SPENCER, 1980, p. 3).*

Ela é também um meio de simplificação na busca e síntese de resultados. Além de se definir como linguagem de criatividade visual em diversas formas de expressão artística, a fotografia e seus processamentos de imagens são uma maneira de ver, descobrir e questionar o passado: “fotografar é uma forma de expressão, o ‘congelamento’ de uma situação e seu espaço físico inserido na subjetividade de um realismo virtual” (GOMES, 1996, p.8).

A fotografia é, em síntese, uma linguagem universal sem tradução específica, constituída por uma leitura livre, sem normas e formalismos. Ela é, intrinsecamente, uma cópia virtual formada de lapsos de tempos, fragmentados em uma realidade ocasional ou dirigida, obtida pelo fotógrafo-autor. Poderíamos dizer que é uma verdade com autoria, em que o autor tenta transmitir seu conceito sobre aquele momento, o do instante captado, mas que depende do espectador quanto aos seus limiares de percepção e concepção crítica visual. A fotografia aciona tudo isso. Ela nos reporta a algo que queremos ver ou não: tudo é relativo às intenções do autor e às concepções do espectador. A importância maior reside no fato de o espectador poder “ler” detalhes ou pequenos momentos fracionados fotograficamente, à sua vontade, em condições de livre interpretação, no tempo e espaço que desejar.

É importante não perder de vista que “todo ato de fotografar é um trabalho de composição imagética, de arrumação de elementos em cena, com enquadramentos técnicos, definição de exposição e velocidade de captação” (MACHADO, 1984, p. 85), necessitando, além de dom artístico (sensibilidade), de aperfeiçoamento técnico e de conhecimento dos equipamentos complementares.

Por sua natureza convencional, é identificada tão-somente como uma arte visual contemplativa (DUBOIS, 1994). Por ser um produto humano, a fotografia impõe-se como uma importante manifestação da poética visual contemporânea; mas muitos esquecem que é um recorte espacial e temporal de uma situação deflagrada, um processo iminente, algo comprobatório que merece análises e registros periódicos para uma tomada de decisão presente ou futura.

---

#### **4. Uma aproximação instrumental entre a fotografia e ciência**

As imagens, quando coletadas, processadas, organizadas e divulgadas, tornam-se instrumentos de excelência na dedução e apreensão de dados referentes a assuntos previamente objetivados. A fotografia e suas ramificações são os principais suportes de análise, por meio da aplicação de técnicas qualificadas, em obtenções, processamentos diferenciados e tipos específicos de arquivamentos fotográficos, tanto analógicos como digitais.

No atual universo das relações humanas, de alta competitividade, não se permite o descaso, e, muito menos, a desinformação, em relação à má utilização de dados, que se possam transformar em conhecimento, concernentes a micro e macrocosmos ambientais nos quais estamos inseridos. O domínio de tecnologias criativas, aliado à qualidade, mais do que

nunca passou a ser pressuposto preponderante tanto nas atividades acadêmicas, cotidianas, científicas e artísticas, como nas complexas inter-relações profissionais contemporâneas. A fotografia é um desses elementos ao atuar como fonte de qualidade e de qualificação (MONTEIRO, 2000).

De acordo com Gomes (1996), a imagem fotográfica, ao registrar a experiência, pode provocar novas percepções, produzir a subjetividade inerente ao ato de olhar do contemplador e, ao mesmo tempo, imortalizar o fato e o espaço captados, objetivando para o cientista aquele momento e contextualizando, com outros repertórios, signos do sujeito.

A fotografia impõe-se também como uma importante manifestação da poética visual contemporânea. Em vez de suporte, transforma-se numa fonte de estudos de sociologia da comunicação. Nessa perspectiva, inclui abordagens teóricas de caráter multidisciplinar, desde a preocupação com o significado até a preocupação com os aspectos físicos de imagens analógicas, obtidas por meio de processos fotoquímicos, conjugados a sofisticados conteúdos visuais, criados e processados em ambientes virtuais pelo uso de imagens digitalizadas.

Os diversos meios de comunicação e informação jornalística, publicitária ou cultural que nos envolvem e fascinam são essencialmente fotográficos, na forma de imagens estáticas ou dinâmicas. Letras, desenhos, monocromias, grafismos policromáticos, entre outros, com múltiplos padrões tonais, são componentes de milhares de imagens que, inquestionavelmente, fazem parte do universo visual e ambiental do cidadão comum. Isso acontece em toda e qualquer parte do mundo, de uma forma ou de outra, em maior ou menor escala. A fotografia, impressa, exposta ou projetada, sempre está presente. Sem dúvida, a fotografia integrou-se definitivamente em várias áreas das atividades humanas, proporcionando processos criativos na busca de novos patamares do conhecimento, em todas suas formas e níveis (MONTEIRO, 2000).

A fotografia tem produzido notáveis ramificações e linhas de estudos. O cinema, a televisão, a radiografia e a termografia, as artes gráficas, a ecografia, a fotomicroscopia, a endoscopia, as fotografias de espectros não visíveis, a astrofotografia, as documentações aeroespaciais, a computação gráfica e a fotografia digital são algumas de suas formas de atuação. Fotografias estáticas ou dinâmicas, analógicas ou digitais, no registro de elementos artísticos, científicos, jurídicos, ambientais, interplanetários, intramoleculares, eletromagnéticos e um sem-número de outras linhas constituem parte do universo da fotografia contemporânea (*idem*).

O ato de fotografar é o modo de questionar a imagem anteriormente percebida. O assunto da imagem registrada fotograficamente possibilita, sem dúvida alguma, uma qualidade de análise e interpretação visual mais acurada. Ao fornecer um sem-número de possibilidades plásticas e/ou gráficas, a fotografia provoca dúvidas, gera questionamentos e sugere soluções na busca de resultados, tanto para artistas quanto para cientistas, e também para o homem comum, em sua contemplação desinteressada (ou não) do mundo que o cerca. Para Dalla Zen (2000), a fotografia, como referência visual que dá significado aos dados coletados, facilita novas produções de sentido e sugere olhares específicos.

Barthes (1977), ao referir-se ao significado de uma imagem fotográfica, mostra que a conotação é histórica, decorrente e modificável de acordo com o momento social. Aludindo ao valor da linguagem fotográfica em jornais, em que se torna o centro da reportagem, sugere o título e orienta a estrutura do *lay-out* numa congruência, mas não

homogeneização, com o texto. As imagens fotográficas contêm potencialidades desestabilizadoras que podem ser inseridas na processualidade de recriação permanente do cotidiano já conhecido. Fotografar e “ler” fotografias são como atos participantes de um jogo de espelhos, pois são múltiplas as implicações entre quem fotografa e o assunto fotografado e vice-versa, gerando esquemas interpretativos. Conforme Neiva (1986), trata-se de uma representação e aparência, cuja configuração pretende-se verdadeira, partindo da imitação da realidade, envolvendo intenções, representações e significados históricos e sociais.

Hoje o indivíduo, esteja onde estiver, tem acesso, por meio dos sistemas de telecomunicações interligados, a qualquer parte do globo, com um número ilimitado de assuntos à sua disposição, pela captação de imagens e sons à distância, retransmitidos por satélites orbitais. Tais informações são geradas e transmitidas graças aos notáveis avanços da microeletrônica e aos modernos aplicativos da fotografia digital. Mais uma vez, a fotografia faz-se presente, de forma imprescindível (MONTEIRO, 2000).

Vive-se na era da informação (internet), que proporciona um infinito conglomerado de trocas informativas. Nesse amplo ambiente virtual, a fotografia reina soberana. O mundo visual, ou o *planeta da fotografia*, não somente a utiliza, como depende cada vez mais de seu conteúdo e de sua forma para atingir objetivos e metas, sejam eles quais forem.

A linguagem universal fotográfica atua como elemento propulsor para a descoberta de novos micro e macrocosmos necessários ao estabelecimento de parâmetros quantitativos e qualitativos de confronto com o nosso próprio meio circundante conhecido. No atual momento das Ciências da Comunicação e da Informação, a fotografia não é apenas só uma personagem de apoio, mas a protagonista em contínua evolução e sofisticação.

Prosseguindo nessa linha de raciocínio, a base teórica da fotografia, numa abordagem de ciência social aplicada ao desenvolvimento de comunidades, é dada por SANTOS (1991), ao refletir sobre a transição entre a ciência moderna e a pós-moderna, em que, especificamente, a fotografia conseguiu espaço próprio. Ao caracterizar como se dá a transição entre os dois paradigmas, indica ser conseqüente a ela a transição de paradigmas da própria sociedade. A ciência pós-moderna exige, e traz consigo, uma nova sociedade, em que novos modos de organização e vida devem ser buscados. A pobreza extrema de parte significativa da população e o agravamento das desigualdades sociais, aliados à degradação do meio ambiente, levam à busca de um novo modelo de civilização, no qual sejam pensadas alternativas para aquela problemática, impossível nas condições atuais (MONTEIRO, 2000).

Assim, a fotografia passa a ser vislumbrada como registro científico, com a utilização de métodos e técnicas de pesquisa, desde a definição dos objetivos e da metodologia até a coleta, análise e divulgação dos dados obtidos. Nessa linha, é pertinente uma abordagem multidisciplinar, incluindo referências teóricas, buscadas na Semiologia, Antropologia Visual e Ambiental, Ecologia, Sociologia, nas Artes Visuais e Cênicas, na Botânica, Zoologia e, principalmente, no centro de nossa discussão: a funcionalidade da fotografia para a atividade turística.

## 5. A fotografia e o turismo: sua instrumentalização

Na busca de encontrar respostas para, subseqüentemente, propor a instrumentalização da fotografia, como recurso de trabalho, para o profissional de turismo no desenvolvimento de suas atividades, realizou-se inicialmente, por meio de pesquisa de campo, a identificação das atividades de rotina desenvolvidas por esses profissionais; a verificação dos instrumentos utilizados pelos turismólogos em seus trabalhos habituais; a investigação com os profissionais de turismo e a sugestão deles a respeito da inserção da fotografia em seus planos de trabalho.

A pesquisa apresentou um enfoque qualitativo, por empreender observações *in loco* das atividades de rotina desses profissionais, e quantitativo, por coletar dados estatísticos por meio da entrega de questionários virtuais, e dividiu-se em quatro etapas: pesquisa bibliográfica, entrevistas sistemáticas, método Delphi e comparações e inferências, conforme a figura 1.

### *Figura 1 — Seqüência da pesquisa*

[Falta a figura.]

Fonte: Aldemir Santos (2007).

A primeira etapa foi materializada pelo levantamento bibliográfico das atividades desenvolvidas pelos turismólogos de acordo com os diversos autores da área, buscando identificar em que atividades a fotografia poderia fazer-se necessária. O levantamento abrangeu livros, artigos, resumos, apostilas, especificamente em dois idiomas: português e inglês.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas não estruturadas com 15 profissionais de turismo, divididos entre as cidades de Manaus e Belém (Norte do Brasil). As entrevistas foram de forma focalizada, com dez perguntas abertas, identificando os instrumentos utilizados na rotina de trabalho dos profissionais de turismo, com a liberdade de serem feitas quaisquer perguntas: sondando razões e motivos, com esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal.

Na terceira etapa, realizou-se a pesquisa quantitativa com a distribuição virtual de vinte (20) questionários aos profissionais de turismo, no período de agosto a janeiro de 2007, de forma sistemática, com perguntas abertas e fechadas, realizando-se três réplicas dos questionários, com intervalos de 15 dias, munidas de resultados e argumentações dos participantes para a reavaliação e o alcance de um consenso (quartis) entre os entrevistados. Nessa terceira etapa, utilizou-se o método Delphi que se caracteriza pelo levantamento estatístico, anonimato dos participantes, aplicação de questionários e *feedback* das respostas, de acordo com a figura 2.

Conceitualmente, o método Delphi é bastante simples: é uma técnica para a busca de um consenso de opiniões de um grupo de especialistas a respeito de eventos futuros, pois se trata de um questionário interativo que circula repetidas vezes por um grupo de peritos, preservando o anonimato das respostas individuais. Na primeira rodada, os especialistas recebem um questionário preparado por uma equipe de coordenação, ao qual são solicitados a replicar individualmente, com respostas quantitativas apoiadas por justificativas e informações qualitativas.



As respostas das questões quantitativas são tabuladas, recebendo um tratamento estatístico simples, definindo-se a mediana e os quartis; os resultados são devolvidos aos participantes na rodada seguinte. Quando há justificativas e opiniões qualitativas associadas a previsões quantitativas, a coordenação busca relacionar os argumentos às projeções quantitativas correspondentes.

A cada nova rodada, as perguntas são repetidas, e os participantes devem reavaliar suas respostas à luz das respostas numéricas e das justificativas dadas pelos demais respondentes na rodada anterior. São solicitadas novas previsões com justificativas, particularmente se essas previsões divergirem das respostas centrais do grupo. Esse processo é repetido nas sucessivas rodadas do questionário, até que a divergência de opiniões entre especialistas tenha-se reduzido a um nível satisfatório e a resposta da última rodada seja considerada como a previsão do grupo.

Na quarta etapa, foram realizadas comparações entre as etapas 2 e 3 para identificar as atividades e os instrumentos potenciais a serem utilizados pelos turismólogos no desenvolvimento de seu trabalho profissional. No término, produziu-se um relatório final da pesquisa com repasse para todos os entrevistados e respondentes virtuais.

*Figura 2 — Fluxograma da metodologia Delphi*

[Falta a figura 2.]

Fonte: Aldemir Santos Jr. (2007).

Entre os resultados obtidos, observa-se, no gráfico 1, um percentual muito grande de não utilização da fotografia na rotina de trabalho dos turismólogos. No gráfico 2, identifica-se o recurso didático (nas aulas) de maior utilização da fotografia. No gráfico 3, entre as sugestões para o uso da fotografia, destacaram-se *marketing*, lazer e recreação e registro artístico. Verifica-se que sinalização, perícia e fiscalização, gestão e planejamento, etc. aparecem em último por causa da pouca utilização, nesse ramo, por esses profissionais.

***Gráfico 1 — Utilização da fotografia no trabalho pelos turismólogos***

[Falta o gráfico.]

Fonte: Aldemir Santos Jr. (2007).

***Gráfico 2 — Percentual das atividades desenvolvidas com a fotografia***

[Falta o gráfico 2.]

Fonte: Aldemir Santos Jr. (2007).

***Gráfico 3 — Percentual de sugestão para o uso da fotografia***

[Falta o gráfico 3.]

Fonte: Aldemir Santos Jr. (2007).

Vale lembrar que a fotografia apresenta uma série de atribuições, pois todos fotografam visando a vários objetivos que variam de acordo com a sua função: recordar um momento (lazer e recreação), documentar um fato ou um fundamento técnico (perícia ou fiscalização), divulgar uma visão de mundo (*marketing*), ou simplesmente expor uma situação, uma idéia (recurso didático).

O que se deve entender é que a fotografia, antes de tudo, é uma linguagem, um sistema de códigos verbais ou visuais, um instrumento visual de comunicação. E toda linguagem nada mais é do que um suporte, um meio, uma base que sustenta aquilo que realmente deve ser dito: a mensagem. A mensagem é uma derivação de dois fatores: conotado e denotado.

Assim, a linguagem fotográfica é essencialmente metafórica e real, uma vez que atribui novas formas, novas cores, novos sentidos conotativos e denotativos que comprovam que a fotografia não está limitada apenas ao seu referente: ela o ultrapassa na medida em que o seu tempo presente é reconstituído, que o seu passado não pode deixar de ser considerado e que o seu futuro também estará vislumbrado. Ou seja, a sobrevivência de sua imagem está intimamente ligada à genialidade criativa e intelectual de seu autor e jamais poderá estar amarrada somente às limitadas funções de uma rotina de trabalho, cabendo ao profissional contemporâneo identificar novas necessidades e reconhecer novos instrumentos de criação, produção e monitoramento.

As entrevistas e as respostas virtuais dos questionados serviram para descobrir a má utilização da fotografia por profissionais, o que acaba comprometendo o desempenho deles na realização de suas atividades. No entanto é possível conjecturar como a fotografia poderá servir de base para a execução de diversas atividades numa sociedade da informação. As funcionalidades da fotografia, como instrumento de trabalho, pouco conhecidas pelos profissionais de turismo são inúmeras, e é relevante o seu reconhecimento e a sua adesão nos desempenhos que necessitam de material complementar. A seguir, serão arroladas, de forma sucinta, algumas dessas funcionalidades:

- A fotografia como uma segmentação de mercado turístico (fototurismo), com a exploração de um segmento turístico fotográfico: fotossafaris, fotografia urbana, fotografia ecológica, fotografia aquática, fotografia antropológica, etc., com o direcionamento e/ou agenciamento de turistas ávidos, profissionais ou amadores, para um segmento específico e organizado, com instrutores especialistas, propiciando o intercâmbio de informações e tecnologias, geralmente realizado em grupos dispostos a capturar imagens representativas e artísticas de lugares pouco visitados ou endêmicos de um espaço. O fototurismo deve ser mais explorado e planejado por causa da existência de uma clientela potencial à espera de registrar lugares inéditos de um local;
- A fotografia como elemento educacional, pois é indiscutível a utilização da fotografia em todos os níveis do conhecimento. Pode ser aproveitada tanto por turistas, com informações, dados e imagens plurais de locais a serem visitados, quanto pela população local, e utilizada como repasse de conhecimento e valorização, por meio de aulas explicativas e expositivas em escolas, universidades, centros de visitantes, trilhas interpretativas, *workshops*, etc., com a ilustração do patrimônio turístico, histórico, cultural e ecológico, abordando os traços culturais, ecossistêmicos, arquitetônicos e geográficos do espaço, materializado por um *city tour* virtual com as imagens fotográficas problematizadas e sugerido para o planejamento e a discussão local;
- A fotografia como uma obra de arte a ser explorada pelo turismo, uma vez que pode ser disseminada por meio da manifestação artística dos fotógrafos locais, promovendo a valorização do contexto artístico-cultural tanto pela ornamentação visual dos lugares turísticos, servindo de atração agregada ao produto turístico principal, como pela divulgação das imagens percebidas pelos próprios habitantes, expostas em museus, galerias e espaços culturais da cidade, tornando-se o produto turístico principal e estimulando os municípios em suas criatividade e representações.
- A fotografia como mecanismo de *marketing* é uma das funções mais utilizadas no turismo. A coleta e a produção de material publicitário e comercial, em qualquer segmento turístico, necessitam de imagens fotográficas de altíssima qualidade e de um banco de dados diversificado. A imagem fotográfica é o primeiro contato do turista com o local desejado; é a primeira manifestação favorável ou não para a aquisição do produto, devendo receber um cuidado especial não somente do profissional de *marketing*, mas também do fotógrafo, do *designer*, do profissional de turismo, no sentido de identificar que tipo de imagem melhor representaria as especificidades de uma localidade;
- A fotografia como instrumento de pesquisa de campo, cuja abrangência estaria tanto para peritos quanto para pesquisadores que necessitam de acervo comprobatório para o aprofundamento de suas teorias e assertivas, configurando-se também num mecanismo para apresentação dos dados coletados;
- A fotografia como registro histórico, por meio da preservação da memória de um ambiente transformado pelo tempo, é o resgate e a comprovação de um passado que não poderá ser esquecido e que servirá de referência para associações e/ou analogias com o presente e com o futuro;
- A fotografia como uma ferramenta de planejamento, por meio de fotografias aéreas, técnicas e científicas com apelo para infra-estrutura, recurso natural, atividades produtivas, urbanização e cenário de desenvolvimento, no processo de

gestão, torna-se importante na elaboração de um planejamento prospectivo à realização de análises de tendências fundamentadas também por representações visuais;

- A fotografia para os gestores de turismo, em qualquer segmento, como uma especificação da norma ISO, na fase de implementação, com a “documentação do sistema de gestão” e, na fase de verificação e ação corretiva, com o item “registros”, com atividades de monitoramento por meio de resultados de auditorias e análises críticas expressadas por relatórios balizados em laudos de análises de risco, impacto tendencial, pareceres de planos de contingência, acidentes de trabalho e manutenção de equipamentos e infra-estrutura, possuindo uma íntima relação com as responsabilidades trabalhistas, civil e criminal da organização.

---

## 6. Considerações finais

A estrutura dos negócios, nas últimas décadas, vem sofrendo transformações, pois os mercados mudam constantemente, numa velocidade cada vez maior, exigindo flexibilidade, organização e instrumentalização por parte dos profissionais para adaptar-se a essas transformações.

Hoje, o perfil do profissional contemporâneo é o de um agente multidisciplinar e habilitado em várias ferramentas de controle e gestão, devendo ser proativo, voltado para resultados, possuir análise crítica, ser comprometido com as pessoas, tolerante com ambigüidades e situações mutáveis, ter responsabilidade socioambiental, possuir visão estratégica, ter disciplina, com preferência a riscos moderados, e ser principalmente um agente de mudança. Todavia, para ser um agente de mudança, é necessário que seja primeiro um tomador de decisão que, por sua vez, necessita de instrumentos de auxílio para análise e controle de dados identificados. Surge, assim, por esse prisma, a fotografia com a habilitação não somente de suporte ou auxílio, como mencionado, mas também de transformação, em si mesma, numa fonte de estudos de viabilidade turística por meio de pesquisas experimentais das mais diversas, cabendo ao profissional de turismo enriquecer-se com mais esse instrumento de trabalho, adaptar-se a ele e dominá-lo.

---

## Rererências

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1994.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

HEDGECOE, J. *Manual das técnicas fotográficas*. 8. ed. Lisboa: Dinalivro, 1991.

\_\_\_\_\_. *O novo manual de fotografia: guia completo depara todos os formatos*. Trad. de Assef Nagib Kfoury e Alexandre Roberto de Carvalho. São Paulo: Senac, 2005.

LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MONTEIRO, Mario Bittencourt. Projeto bios. A fotografia como elemento de percepção, visão e interferência nas questões ambientais. *Revista de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, Porto Alegre, v. 8, 2000, p. 251-71.

SONTAG, Susan. *Ensaios sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

WIKIPÉDIA — A ENCICLOPÉDIA LIVRE. *A história da fotografia*. Disponível em: <[pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)>. Acesso em: 5 maio 2007.